

RICHARD ROHR

Frade Franciscano e Autor Bestseller

O CRISTO UNIVERSAL

E se «Cristo»
for uma palavra para a imensidão
do amor verdadeiro?



FAROL

Dedico este livro à Venus, a minha labrador retriever preta com 15 anos, que tive de entregar a Deus quando começava a escrever este livro. Sem pedidos de desculpa, sem teologias ligeiras nem medo de heresia, posso dizer, com toda a propriedade, que a Venus, para mim, também foi Cristo.

Os únicos mistérios verdadeiramente absolutos do cristianismo são a autocomunicação de Deus no centro da existência — a que chamamos Graça — e na história — a que chamamos Cristo.

Fr. Karl Rahner, padre jesuíta e teólogo
1904–1984

Eu não venero a matéria. Eu venero o Deus da matéria, que se tornou matéria para o meu bem, que aceitou habitar a matéria, que operou a minha salvação através da matéria. Eu não vou deixar de honrar essa matéria que opera a minha salvação.

S. João Damasceno, 675–753

Nenhum desespero nosso pode mudar a realidade das coisas, ou perturbar a alegria da dança cósmica, que é perene.

Thomas Merton, 1915–1968

ÍNDICE

Antes de Começarmos 13

Parte 1

UM OUTRO NOME PARA TODAS AS COISAS

1 Cristo Não É o Apelido de Jesus 25

2 Aceitar que Somos Aceites por Inteiro 39

3 Revelado em Nós — *como* Nós 53

4 Bem Original 71

5 O Significado É Amor 87

6 Um Todo Sagrado 101

7 A Caminho de Algo Bom 111

Parte 2

A GRANDE VÍRGULA

8 Fazer e Dizer 125

9 As Coisas na Sua Profundidade 131

10 A Encarnação Feminina 145

11 Este É o Meu Corpo 155

12	Porque É que Jesus Morreu?	165
13	Não a Podes Carregar Sozinho	187
14	A Viagem da Ressurreição	199
15	Duas Testemunhas de Jesus e de Cristo	221
16	Transformação e Contemplação	237
17	Para Além da Mera Teologia: Duas Práticas	257
Epílogo		267
POSFÁCIO	Amor Depois do Amor	269
APÊNDICES	Cartografando o Itinerário da Alma para Deus	271
APÊNDICE I	As Quatro Visões do Mundo	273
APÊNDICE II	O Padrão de Transformação Espiritual	279
	Bibliografia	287

ANTES DE COMEÇARMOS

Na sua autobiografia, *A Rocking-Horse Catholic*, Caryl House-lander, uma mística¹ inglesa do século xx, descreve como uma vulgar viagem de metropolitano em Londres se transformou numa visão que mudou a sua vida. Partilho aqui a descrição feita por Houselander desta assombrosa experiência porque demonstra, de forma tocante, aquilo a que vou chamar o Mistério de Cristo, a habitação da Presença Divina em tudo e todos desde o princípio do tempo tal como o conhecemos:

«Estava no metropolitano, numa composição
cheia onde se apinhava todo o género de pessoas,

¹ Quando uso a palavra «mística», refiro-me ao conhecimento pela experiência em vez do conhecimento meramente livresco ou dogmático. A diferença está em que o místico vê as coisas na sua totalidade, na sua interligação, no seu enquadramento universal e divino, e não apenas nos seus elementos distintivos. Pode dizer-se que os místicos captam todo o *gestalt* numa só imagem, passando por cima da nossa forma de ver momento a momento, mais sequencial e desligada. Nisto, os místicos aproximam-se dos poetas e artistas, mais do que dos pensadores lineares. Obviamente que há espaço para ambos, mas desde o iluminismo dos séculos xvii e xviii que esta forma de ver o todo tem sido cada vez menos apreciada. O místico foi considerado um «excêntrico» (descentrado), mas talvez sejam os místicos os mais acertadamente centrados de todos?

sentadas ou agarradas às pegas do teto — trabalhadores de todos os tipos a caminho de casa ao fim do dia. Subitamente, na minha mente, mas tão nitidamente como numa pintura maravilhosa, vi Cristo em todos eles. Mas vi mais do que isso; não só Cristo estava em todos, a viver neles, a morrer neles, a alegrar-se neles, a sofrer neles — mas porque Ele estava neles, e porque eles estavam aqui na carruagem, o mundo inteiro estava ali; não apenas o mundo como existia naquele momento, não só todas as pessoas de todos os países do mundo, mas também todas as pessoas que viveram no passado e todas as pessoas vindouras.

Saí para a rua e andei durante muito tempo entre a multidão. Aqui acontecia o mesmo para onde quer que me virasse, em cada transeunte, por toda a parte — Cristo.

Há muito que era assombrada pela concepção russa do Cristo humilhado, do Cristo aleijado que se arrastava pela Rússia a pedir pão; o Cristo que, em qualquer era, podia regressar à Terra e ir junto dos pecadores para provocar a compaixão destes através da Sua necessidade. Agora, num ápice, fiquei a saber que este sonho é um facto; não se trata de um sonho, da fantasia ou lenda de um povo devoto, uma prerrogativa dos russos, mas Cristo no homem...

Vi ainda a reverência que todos devem sentir para com um pecador; não para tolerar o seu pecado, que na verdade é a sua maior infelicidade, mas para confortar o Cristo que nele sofre. E esta reverência é devida até àqueles pecadores cujas almas parecem mortas, pois é Cristo, que é a vida da alma,

que neles está morto; são os Seus túmulos, e Cristo no túmulo é potencialmente o Cristo ressuscitado...

Cristo está em toda a parte; Nele, todas as formas de vida fazem sentido e influenciam todas as outras formas de vida. Não é uma pecadora insensata como eu, que se sente magnânima por viajar no mundo com pecadores, quem mais se aproxima destes e quem mais contribui para a sua cura; é o homem contemplativo, fechado na sua cela, que nem sequer os viu, mas no qual Cristo jejua e ora por eles; é uma empregada doméstica na qual Cristo se faz servo mais uma vez, ou um rei cuja coroa de ouro esconde uma coroa de espinhos. A tomada de consciência da nossa unidade em Cristo é a única cura para a solidão humana. Para mim, é também o sentido último da vida, a única coisa que dá a todas as vidas um sentido e um fim.

Passados alguns dias, esta «visão» esbateu-se. As pessoas começaram de novo a parecer-se pessoas, deixou de ocorrer aquele choque de percepção de cada vez que me encontrava face a outro ser humano. Cristo ficou, mais uma vez, escondido; de facto, ao longo dos anos que se seguiram tive de procurar por Ele, e habitualmente só O encontrei nos outros — e sobretudo em mim — mediante um ato deliberado e cego de fé.»

A pergunta que fica, para mim e para nós, é, quem é este «Cristo» que Caryl Houselander viu a permear e a emanar de todos os outros passageiros? Para ela, Cristo claramente não era apenas Jesus de Nazaré, mas algo cuja importância era imensamente maior, até cósmica. Como? E porque é que isto

importa? É este o assunto deste livro. Penso que esta visão, uma vez vivida, tem o poder de alterar de forma radical aquilo em que acreditamos, a forma como vemos os outros e nos relacionamos com eles, o nosso sentido da grandeza de Deus e a nossa compreensão daquilo que o Criador está a fazer no mundo em que vivemos.

Será esperar demasiado? Relê as palavras de Houselander na sua tentativa de abarcar o alcance do que mudou para ela depois daquela visão:

«Em todo o lado — Cristo.

Compreensão da unidade.

Reverência.

Todas as formas de vida têm um sentido.

Todas as vidas influem sobre todas as outras formas de vida.»

Quem é que não quer ter estas experiências? E se, hoje em dia, a visão de Houselander nos parece algo exótica, para os primeiros cristãos não o seria. A revelação do Cristo Resuscitado como ubíquo e eterno é claramente afirmada nas Escrituras (Colossenses 1, Efésios 1, João 1, Hebreus 1) e na igreja primitiva, quando a euforia da fé cristã era ainda criativa e em expansão. Hoje em dia, porém, esta forma profunda de ver deve ser abordada como um projeto de restauração. Quando a Igreja ocidental se separou da oriental no Grande Cisma de 1054, perdemos gradualmente este entendimento profundo de como Deus tem amado e libertado tudo o que existe. Em vez disso, fomos paulatinamente limitando a Presença Divina ao corpo de Jesus, quando aquela *talvez seja tão ubíqua quanto a luz — e ilimitável por fronteiras de origem humana.*

Podemos dizer que as portas da fé se fecharam ao entendimento mais lato e mais belo daquilo a que os cristãos primitivos chamaram a «Manifestação», a Epifania ou, famosamente, a «Encarnação» e a sua forma final e plena, à qual ainda chamamos «Ressurreição». Contudo, a princípio, as Igrejas oriental e ortodoxa viam estes fenómenos de forma muito mais lata, uma percepção que só agora começamos a reconhecer nas Igrejas ocidentais, quer católicas, quer protestantes. É certamente a isto que João se referia ao escrever, no seu Evangelho, «o verbo se fez carne» (João 1:14), usando um termo genérico e universal (*sarx*), em vez de uma palavra que designasse um só corpo humano². De facto, a palavra «Jesus» não é de todo mencionada no Prólogo! Alguma vez reparaste nisto? Há uma única menção a «Jesus Cristo» no penúltimo versículo.

Não é possível sobrevalorizar os estragos feitos à mensagem dos Evangelhos aquando da separação das Igrejas oriental («grega») e ocidental («latina»), iniciada com a excomunhão mútua dos seus respetivos patriarcas em 1054. Há mais de mil anos que não sabemos o que é ter uma Igreja «una, santa e indivisa».

Mas é possível reabrir essa antiga porta da fé com uma chave, que é a interpretação correta de uma palavra que muitos de nós usamos com frequência, mas talvez com demasiada facilidade. Essa palavra é *Cristo*.

E se Cristo for uma palavra para *o transcendente que existe no interior* de todas as «coisas» no universo?

E se Cristo for uma palavra para a imensidão do Amor verdadeiro?

² John Dominic Crossan apresenta um argumento convincente neste sentido em *Resurrecting Easter* (São Francisco: HarperOne, 2018), um estudo sobre as diferenças entre a compreensão e representação da Ressurreição na arte ocidental e oriental. Atrasámos a publicação deste livro de modo a que eu pudesse incorporar os indícios artísticos, históricos e arqueológicos que ele apresenta e que sustentam aquilo que procuro dizer do ponto de vista teológico.

E se Cristo se referir a um horizonte infinito que nos puxa, ao mesmo tempo, a partir de dentro e para a frente?

E se Cristo for *uma outra palavra para tudo* — em toda a sua plenitude?

Acredito que é isto o que a «Grande Tradição» nos tem tentado dizer, mesmo sem o saber. Mas a maior parte de nós nunca esteve exposta à Grande Tradição completa, com o que me refiro à tradição perene, à sabedoria de todo o Corpo de Cristo e, especificamente, para os fins que me proponho neste livro, à integração de temas que se autocorrigem e afirmam mutuamente, de forma recorrente, nas Igrejas ortodoxa, católica, e nas muitas variedades de protestantismo. Sei que é um objetivo grandioso, mas que outra escolha temos? Se sublinharmos aquilo que a fé tem de essencial e não o que é acidental, não será assim tão difícil.

Se me permitires, serei, ao longo das páginas que se seguem, o teu guia na exploração destas perguntas sobre Cristo e sobre a forma da realidade para cada um de nós. É uma busca que me fascina e inspira há mais de cinquenta anos. Como convém à tradição franciscana em que me filio, quero que, apesar da imensidão desta conversa, ela assente nas coisas da Terra, de modo a que a possamos seguir como a um rasto de migalhas pela floresta: começando pela natureza; passando por um recém-nascido num humilde estábulo com a mãe e o pai; por uma mulher sozinha num comboio; para chegar finalmente ao sentido e mistério de um nome que talvez também seja o nosso.

Se a minha experiência pessoal me ensinou alguma coisa, é que a mensagem contida neste livro pode transformar a forma como vês e a forma como vives o teu quotidiano. Pode proporcionar-te o significado profundo e universal de que a civilização ocidental parece, hoje em dia, carecer, e pelo qual

anseia. Tem o potencial de refundar o cristianismo como uma religião natural em vez de uma religião assente numa revelação especial, acessível apenas a alguns felizes iluminados.

Mas para experimentar este novo entendimento, muitas vezes só lá chegamos por via indireta, através da espera e da prática da atenção. Especialmente a princípio, terás de permitir que algumas palavras neste livro *permaneçam, durante algum tempo, parcialmente misteriosas*. Sei que pode ser insatisfatório e inquietante para a nossa mente egoica, que exige controlar cada passo do caminho. Mas esta é a forma contemplativa de ler e escutar e de, desse modo, nos deixarmos enlevar para uma esfera muito mais abrangente.

Como escreveu G. K. Chesterton, *A tua religião não é a igreja a que pertences, mas o universo em que vives*. Saber que todo o universo físico ao nosso redor, toda a criação, é o lugar onde Deus se esconde, mas, ao mesmo tempo, o lugar da sua revelação, é fazer deste a nossa casa, um espaço seguro, encantado, e uma fonte de graça para quem o olhar a fundo. A esta forma de ver, calma e profunda, chamo «contemplação».

A função essencial da religião é estabelecer uma ligação radical entre nós e o todo. (*Re-ligio* = religar ou reconectar.) É ajudar-nos a ver o mundo e a nós mesmos como uma totalidade e não apenas por partes. Os indivíduos verdadeiramente esclarecidos vêm a unidade porque o seu olhar parte de uma posição de unidade, em vez de categorizar todas as coisas como superior e inferior, dentro e fora. Se alguém está convencido de que foi pessoal e individualmente *salvo* ou iluminado, parece-me que não foi nem uma coisa nem outra!

Uma noção cósmica de Cristo não exclui nem compete com ninguém, antes inclui tudo e todos (Atos 10:15, 34) e possibilita que Jesus Cristo seja, finalmente, uma figura divina à altura de todo o universo. Neste entendimento da mensagem cristã,

o amor e a presença do Criador estão enraizados no mundo criado, e a distinção mental entre «natural» e «sobrenatural» perde o sentido. Como Albert Einstein terá supostamente dito, «Só há duas maneiras de viver. Uma é como se nada fosse um milagre. A outra é como se tudo for um milagre.» Nas páginas que se seguem, optarei pela segunda!

Embora a minha formação seja sobretudo nas áreas da filosofia e teologia bíblica, recorrerei a disciplinas como a psicologia, as ciências, a história e a antropologia para enriquecer este livro. Se o puder evitar, não quero que seja um livro estritamente «teológico», embora esteja cheio de teologia explícita. Jesus não desceu à Terra exclusivamente para compreensão dos teólogos e para que estes pudessem operar as suas distinções, mas para que «todos sejam um» (João 17:21). Ele veio para unir e «reconciliar todas as coisas em Si, tudo no céu e tudo na terra» (Colossenses 1:19). Qualquer mulher ou homem na rua — ou no comboio — deve ser capaz de ver e apreciar isto!

Ao longo deste livro, vais deparar-te com frases ou grupos de frases ligeiramente desligados dos parágrafos. É o caso dos seguintes, relacionados com a história acima contada:

Cristo está em toda a parte.

Nele, todos os tipos de vida têm um sentido e uma ligação sólida.

Quero que estas pausas no texto te sirvam como um convite para que te detenhas algum tempo sobre aquela ideia, concentrando-te nela até a sentires afetar o teu corpo, o teu coração, a tua perceção do mundo físico que te rodeia, particularmente a tua ligação a uma esfera mais ampla. Repousa em cada frase em itálico. Se for necessário, lê-a de novo até sentires o seu impacto, até conseguires imaginar as implicações dessa ideia para o mundo, para a história, e para ti. (Por outras palavras, até que «a palavra se faça carne» para ti!) Não tenhas pressa em saltar para a linha seguinte.

Na tradição monástica, esta prática de aprofundar e de ruminar sobre um texto é chamada «*Lectio Divina*.» É uma forma contemplativa de leitura, que vai além da compreensão mental das palavras ou do uso das palavras para formular respostas ou resolver problemas e preocupações imediatas. *Estar em contemplação é esperar pacientemente que as lacunas sejam preenchidas, sem insistir em respostas fáceis ou finais.* A contemplação nunca se apressa a passar juízo. Pelo contrário, evita os juízos apressados, pois estes têm mais que ver com o controlo pessoal e egoico do que com uma busca pela verdade animada pelo amor.

Será esta a prática que vamos seguir ao longo deste texto, trabalhando juntos em direção a um entendimento deste Cristo que é muito mais do que o apelido de Jesus.

PARTE 1

**UM OUTRO NOME
PARA TODAS AS COISAS**

CRISTO NÃO É O APELIDO DE JESUS

«No princípio Deus criou os Céus e a Terra.
A Terra era informe e vazia; trevas cobriam a superfície do abismo,
e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.
Deus disse “Faça-se a luz”, e a luz fez-se.»

Gênesis 1:1–3

Em todas as cerca de trinta mil variantes do cristianismo, os crentes amam Jesus e (pelo menos em teoria) não têm problema em aceitar que este é inteiramente humano e inteiramente divino. Muitos exprimem uma relação pessoal com Jesus, vivida talvez através de momentos de inspiração em que sentem a sua presença íntima nas suas vidas, ou do medo do seu julgamento ou ira. Outros confiam na sua compaixão, e veem nele uma justificação para as suas visões do mundo e posições políticas. Mas como poderia a noção de Cristo alterar todos estes cálculos? Cristo será simplesmente o apelido de Jesus? Ou é um título revelador e merecedor de toda a nossa atenção? Em que é que a função ou papel do Cristo difere da de Jesus? O que é que quer dizer quando, nas Escrituras, Pedro

diz, na primeira vez que se dirige à multidão após o Pentecostes, que «Deus fez este Jesus... Senhor e Cristo» (Atos 2:36)? Não foram sempre a mesma coisa desde o nascimento de Jesus?

Para responder a estas perguntas, temos de voltar atrás e perguntar o que estava Deus a fazer durante aqueles primeiros momentos da Criação? Era Deus inteiramente invisível antes do começo do universo? Existe sequer um «antes»? Porque é que Deus *criou*? O que pretendia Deus com a criação? O universo em si será eterno? Ou é o universo uma criação no tempo tal como o conhecemos, do mesmo modo que Jesus?

Temos de admitir que provavelmente nunca saberemos o «como» ou sequer o «quando» da criação. Mas a pergunta à qual a religião procura responder é, acima de tudo, o «porquê?» Existem quaisquer indícios reveladores sobre o *porquê* de Deus ter criado o Céu e a Terra? O que estava Deus a fazer? Havia por trás da criação alguma intenção ou objetivo divino? Precisamos sequer de um «Deus» criador para explicar o universo?

A maior parte das tradições perenes ofereceu respostas a estas perguntas, geralmente algo deste género: *Tudo o que existe sob forma material é o produto de uma Fonte Primeira, que existia apenas como Espírito*. Esta Fonte Primeira Infinita verteu-se de algum modo em formas finitas e visíveis, criando tudo, desde as pedras à água, passando pelas plantas, microrganismos, animais e seres humanos — tudo o que podemos ver com os nossos olhos. Este desvelar de algo a que se chama Deus na criação do mundo físico foi a primeira *Encarnação* (como termo genérico para a incorporação do espírito na carne), muito antes da segunda Encarnação, pessoal, que os cristãos acreditam ter-se verificado com Jesus. Para pôr esta ideia em termos franciscanos, *a criação é a Primeira Bíblia*,

*e existiu durante 13,7 mil milhões de anos antes de a segunda Bíblia ser escrita.*³

Ao ouvir a palavra «encarnação», a maior parte dos cristãos pensa no nascimento de Jesus, que demonstrou na sua pessoa a radical união entre Deus e a humanidade. Mas neste livro quero sugerir que a primeira encarnação foi aquele momento descrito em Génesis 1, em que Deus se uniu ao universo físico e se tornou na luz no interior de tudo. (Acredito que é por isto que a *luz* é o objeto do primeiro dia da criação, e que a velocidade da luz é, hoje em dia, reconhecida como a constante universal.) Assim, a encarnação não é apenas «Deus a tornar-se Jesus». É um acontecimento muito mais abrangente, e é por isso que João começa por descrever a presença de Deus através da palavra geral «carne» (João 1:14). João refere-se aqui ao Cristo ubíquo que Caryll Houselander encontrou de forma tão clara, esse Cristo que o resto de nós continua a encontrar nos outros seres humanos, numa montanha, numa folha verde ou num estorninho.

Tudo o que é visível, sem exceção, é uma efusão de Deus. Que outra coisa poderia ser? «Cristo» é um nome para o Modelo Primordial («Logos») através do qual «tudo começou a existir, e sem o qual nenhuma coisa existiria» (João 1:3). Ver as coisas deste modo reenquadrou, energizou e alargou as minhas próprias crenças religiosas, e creio que pode ser este o contributo específico do cristianismo relativamente às demais religiões mundiais.⁴

³ O mesmo é dito em Romanos 1:20, caso queiras saber como é que esta autocrítica surge na própria Bíblia.

⁴ O título para a primeira parte deste livro é «Todas as Coisas» em vez de «Tudo», pois acredito que o Mistério de Cristo se aplica, especificamente, às coisas materiais e físicas. Não penso em conceitos e ideias como Cristo. *Podem comunicar o Mistério de Cristo, como eu aqui tento fazer*, mas «Cristo», para mim, refere-se a ideias que, especificamente, se fazem «carne» (João 1:14). Pode discordar de mim quanto a isto, mas pelo menos fica a saber a perspetiva a partir da qual uso a palavra «Cristo» ao longo deste livro.

Pondo de parte o uso por João de um pronome masculino para descrever algo que está claramente para além do género, percebe-se que o que ele oferece no Prólogo (1:1–18) é uma cosmologia sagrada e não apenas uma teologia. Muito antes da encarnação pessoal de Jesus, Cristo estava já incorporado em profundidade em todas as coisas, como todas as coisas! As primeiras linhas da Bíblia dizem que «o Espírito de Deus pairava sobre as águas», ou sobre «o vazio informe», e que num instante o universo material se tornou visível na sua profundidade e sentido (Génese 1:1 *et seq.*) Nesta altura, obviamente, o tempo não tinha ainda qualquer sentido. O Mistério de Cristo é a tentativa de o Novo Testamento dar nome a esta visibilidade que surgiu no primeiro dia.

Lembre-se, *a luz não é tanto aquilo que se vê diretamente quanto algo mediante o qual se vê tudo o resto*. É por isto que, no Evangelho de João, Jesus Cristo faz aquela afirmação quase orgulhosa, «Eu sou a Luz do mundo» (João 8:12). Jesus Cristo é uma amálgama de matéria e espírito juntos num só lugar, para que nós próprios pudéssemos unir a matéria e o espírito em toda a parte e apreciar todas as coisas na sua plenitude. Pode até permitir que *vejamos como Deus vê*, se não for esperar demais.

A ciência descobriu que aquilo que parece escuridão à vista desarmada está na verdade cheio de pequenas partículas chamadas «neutrinos», fragmentos de luz que cruzam todo o universo. Aparentemente, a escuridão total não existe em parte nenhuma, embora possa parecê-lo à vista humana desarmada. O Evangelho de João estava mais correto do que pensávamos ao descrever Cristo como «uma luz que a escuridão não consegue dominar» (1:5). Saber que a luz interior das coisas não pode ser eliminada ou destruída é uma grande fonte de esperança. Se não bastasse, a escolha da forma verbal por João («a luz verdadeira...

estava a vir ao mundo» 1:9) mostra-nos que o Mistério Crístico não é um acontecimento único, mas um processo que se prolonga no tempo, tão constante quanto a luz que enche o universo. E «Deus viu que a luz era boa» (Génesis 1:3). Não esqueça isto!

Mas este simbolismo continua a aprofundar e a clarificar-se. Os cristãos acreditam que esta presença universal, mais tarde, nasceu «de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei» (Gálatas 4:4) num momento cronológico específico. É este o grande ato de fé do cristianismo, que nem todos estão prontos a fazer. Atrevemo-nos a acreditar que a presença de Deus se verteu num só ser humano, para que nele — e, portanto, em nós — se pudesse ver a humanidade e a divindade a operar como uma só. Mas em vez de dizer que Deus *entrou no mundo* através de Jesus, talvez fosse melhor dizer que Jesus *saiu* de um mundo já embebido de Cristo. A segunda encarnação proveio da primeira, da união de Deus com o mundo físico criado. Se isto ainda lhe soa estranho, confie em mim durante mais algum tempo. Prometo que só vai aprofundar e alargar a sua fé em Jesus e em Cristo. O que está em causa é um reenquadramento importante daquilo que Deus pode ser e daquilo que Deus faz, e talvez precisemos de Deus se quisermos encontrar uma resposta melhor para as perguntas que abriram este capítulo.

O que quero dizer é isto: sabendo que o mundo ao meu redor é o lugar onde Deus se oculta, mas também o lugar da revelação de Deus, torno-me incapaz de fazer uma distinção significativa entre o natural e o sobrenatural, entre o sagrado e o profano. (Uma «voz» divina exprime isto muito claramente em Atos 10, para com um Pedro muito reticente.) Tudo o que vejo e conheço é, na verdade um «*uni-verso*», que gira em torno de um centro coerente. Esta Presença Divina busca a conexão

e a comunhão, não a separação e a divisão — *a não ser que seja em prol de uma união futura ainda mais profunda.*

A diferença que isto faz na forma como ando pelo mundo e como vejo cada pessoa com que me cruzo ao longo do dia! É como se tudo aquilo que antes parecia desanimador e «caído», todas as grandes reações contra o curso da história, possa agora ser visto como parte de um só movimento, encantado e animado em serviço do amor de Deus. Todas as coisas têm de ter alguma utilidade e estar de algum modo cheias de poder, mesmo as que nos parecem uma traição ou uma crucificação. De que outro modo poderíamos amar este mundo? Porquê? Nada nem ninguém tem de ser excluído.

O tipo de totalidade que estou a descrever é algo de que o nosso mundo pós-moderno já não desfruta. É mesmo algo que nega veementemente. Pergunto-me sempre porque é que acabámos por preferir semelhante incoerência depois do triunfo do racionalismo com as Luzes. Pensava que tínhamos então concordado que a coerência, a regularidade e a existência de um sentido último eram coisas boas. Mas os intelectuais do último século negaram a existência e poder destas totalidades e, no cristianismo, cometemos o erro de limitar a presença do Criador a uma só manifestação humana, Jesus. As implicações desta forma de perceção seletiva foram devastadoras para a história e para a humanidade. A Criação foi julgada profana, um acidente conquanto belo, mero pano de fundo para o verdadeiro drama das preocupações de Deus — que somos sempre, e exclusivamente, nós. (Ou, o que é ainda mais preocupante, ele próprio!) Não é possível que indivíduos se sintam sagrados no interior de um universo profano, vazio ou acidental. Este modo de ver faz-nos sentir desligados e competitivos, leva-nos a tentar ser superiores em vez de profundamente conectados em busca de círculos cada vez mais amplos de união.

Mas Deus ama as coisas tornando-se nelas.

Deus ama as coisas unindo-se a elas, não as excluindo.

Através do ato da criação, Deus manifestou a Presença Divina em eterna efusão no mundo físico e material.⁵ A matéria ordinária é o lugar onde se esconde o Espírito e, portanto, o próprio Corpo de Deus. Que outra coisa poderia ser se acreditamos — como os judeus, cristãos e muçulmanos ortodoxos acreditam — que «um Deus criou todas as coisas»? Desde o princípio dos tempos que o Espírito de Deus revela a sua glória e bondade através da criação material. Isto é dito em tantos Salmos, que falam de «rios a aplaudir» e «montanhas a cantar de felicidade». Quando Paulo escreve que «Cristo é tudo e está em tudo» (Colossenses 3:11), está apenas a ser um panteísta ingênuo ou escreve-o porque compreende as implicações plenas do Evangelho da Encarnação?

Deus parece ter escolhido manifestar o invisível naquilo a que chamamos o «visível», de modo que todas as coisas visíveis são a revelação da energia espiritual, infinitamente difusiva, de Deus. Depois de aceitar isto, será difícil alguém voltar a sentir-se sozinho no mundo.

Um Deus Universal e Pessoal

Várias passagens das escrituras tornam muito claro que este Cristo existiu «desde o princípio» (João 1:1–18, Colossenses 1:15–20 e Efésios 1:3–14 são fontes primárias para esta ideia), pelo que Cristo não pode ter os mesmos limites temporais que Jesus. Mas ao vincular a palavra «Cristo» a Jesus, como se fosse

⁵ Ver Romanos 8:19 *et seq.* e I Coríntios 11:17 *et seq.*, em que Paulo expõe a sua noção expansiva da encarnação de forma clara e, para mim, convincente. A maior parte de nós só nunca o viu dessa forma.

o apelido deste e não o meio através do qual a presença de Deus encanta toda a matéria ao longo de toda a história, os cristãos foram algo trapalhões, intelectualmente. *A nossa fé tornou-se numa teologia competitiva, com várias teorias locais da salvação, em vez de uma cosmologia universal no interior da qual todos pudessem viver com dignidade intrínseca.*

Hoje, mais do que nunca, precisamos de um Deus tão grande quanto o universo, que ainda se encontra em expansão, ou as pessoas com maior grau de educação continuarão a pensar em Deus como um mero acrescento a um mundo que já é, por si só, deslumbroso, belo e merecedor de louvor. Se Jesus não for também apresentado como Cristo, prevejo que mais e mais pessoas, em vez de se revoltarem ativamente contra o cristianismo, simplesmente percam o interesse. Muitos investigadores científicos, biólogos e assistentes sociais honram o Mistério de Cristo sem terem de recorrer a linguagem específica associada a Jesus. O Divino nunca se preocupou muito sobre se acertamos exatamente no nome dele ou dela (ver Êxodo 3:14). Como disse o próprio Jesus, «Não acreditem naqueles que dizem Senhor, Senhor» (Mateus 7:21, Lucas 6:46). Diz Jesus que os que contam são os que «fazem a coisa certa», não os que «dizem a coisa certa». Mas a ortodoxia verbal tem sido a preocupação central do cristianismo, chegando ao ponto de nos permitir queimar pessoas em autos de fé por não «dizerem a coisa certa».

É o que acontece quando nos focamos apenas num Jesus exclusivo, na «relação pessoal» que podemos ter com ele e naquilo que pode fazer para nos salvar de uma espécie de tormento eterno pelo fogo. Durante os primeiros dois mil anos do cristianismo, pensámos a nossa fé em termos de um problema e de uma ameaça. Mas se acreditarmos que o principal propósito de Jesus é oferecer-nos um meio de salvação pessoal e individual,

é demasiado fácil acreditar que Jesus nada tem que ver com a história humana — com guerras e injustiças, com a destruição da natureza, ou o que quer que seja que vá contra os desejos do nosso ego e os nossos preconceitos culturais. *Acabámos por espalhar as nossas culturas nacionais sob a rubrica de Jesus, em vez de uma mensagem universalmente libertadora sob o nome de Cristo.*

Sem termos perceção do carácter intrinsecamente sagrado do mundo — de cada pequeno pedaço de vida e morte —, temos dificuldade em ver Deus na nossa própria realidade, quanto mais em respeitar esta realidade, protegê-la ou amá-la. As consequências desta ignorância são manifestas por toda a parte, na maneira como explorámos e magoámos os nossos semelhantes humanos, os nossos queridos animais, a teia de todas as coisas que crescem, a terra, as águas e o próprio ar. Foi preciso esperar pelo século XXI para que um papa o dissesse claramente, na profética encíclica *Laudato Si* do papa Francisco. Esperemos que não seja demasiado tarde, e que o fosso desnecessário entre o olhar prático (ciência) e holístico (religião) seja inteiramente superado. Ainda têm necessidade um do outro.

Aquilo a que neste livro chamo uma *visão do mundo encarnacional* é o reconhecimento profundo da presença do divino em literalmente «todas as coisas» e «todas as pessoas». É a chave para a saúde mental e espiritual, bem como para uma espécie de satisfação e felicidade básicas. Uma mundivisão encarnacional é a única forma de reconciliar os nossos mundos interiores com o mundo exterior, a unidade com a diversidade, o físico com o espiritual, o individual com o corporativo e o divino com o humano.

No princípio do século II, a igreja começou a chamar-se «católica», o que quer dizer universal, ao reconhecer o carácter universal de si mesma e da sua mensagem. Só mais tarde é que

a palavra «católica» se viu circunscrita pela palavra «romana», com a Igreja a perder a noção de que a sua mensagem era inclusiva e indivisa. Depois da Reforma, muito necessária, de 1517, continuámos a dividir-nos em fractais concorrentes, cada vez mais pequenos. Paulo já alertara os Coríntios para este fenómeno, pondo-lhes uma questão que ainda nos devia fazer parar para pensar: «Pode Cristo ser dividido?» (1 Coríntios 1:12). Mas desde a escrita destas palavras fizemos muitas divisões.

Para não dizer mais, a cristandade tornou-se tribal. Mas não é obrigatório que assim fique. O ato de fé cristão completo é confiar que Jesus, *juntamente com Cristo, nos deu uma janela humana, mas inteiramente acertada para o Eterno Agora a que chamamos Deus.* (João 8:58, Colossenses 1:15, Hebreus 1:3, 2 Pedro 3:8). É um salto de fé que muitos acreditam ter feito ao dizerem «Jesus é Deus!» Porém, no sentido estrito, estas palavras não são teologicamente corretas.

Cristo é Deus, e Jesus é a manifestação histórica do Cristo dentro do tempo cronológico.

Jesus é um Terceiro Outro, não somente Deus e não somente homem, mas Deus e ser humano juntos.

Esta é a mensagem central e específica do cristianismo, e tem enormes implicações teológicas, psicológicas e políticas — e são implicações muito boas. Mas se não conseguimos unir em Jesus estes dois opostos aparentes, Deus e humano, geralmente também não os conseguimos unir em nós mesmos, ou no resto do universo físico. Até hoje, tem sido este o nosso maior impasse. Jesus era suposto ser a chave do código, mas sem o unirmos a Cristo, perdemos o âmago daquilo que o cristianismo podia ter sido.

Um Deus meramente pessoal faz-se tribal e sentimental, e um Deus meramente universal jamais sai do reino das teorias abstratas e dos princípios filosóficos. É quando aprendemos a

juntá-los que Jesus e Cristo nos dão um Deus simultaneamente *peçoal* e *universal*. O Mistério de Cristo unge toda a matéria física, desde o princípio, com um propósito eterno. (Não será de admirar que a palavra que traduzimos do grego como *Cristo* vem da palavra hebraica *mesach*, que quer dizer «o ungido», ou o Messias. Ele revela que tudo é ungido!) Muitos ainda rezam e esperam por algo que já nos foi oferecido três vezes: a primeira na criação; a segunda em Jesus, «para que o pudéssemos ouvir, ver com os nossos olhos, contemplar, e tocar com as nossas mãos — a Palavra que é vida» (1 João 1–2); e a terceira na comunidade amada (a que os cristãos chamam o Corpo de Cristo), que lentamente evoluiu ao longo da história humana (Romanos 8:18 *et seq.*). Ainda estamos a meio deste Fluxo.

Dado o desenvolvimento atual da nossa consciência, e especialmente os avanços históricos e tecnológicos que hoje nos permitem aceder uma visão de conjunto, pergunto-me se uma pessoa sincera pode sequer ter uma relação «peçoal» saudável e sagrada com Deus *se* esse Deus não o ligar também ao universal. Um Deus peçoal não pode implicar um Deus mais pequeno, e Deus não nos pode fazer, de modo algum, mais pequenos — ou não seria Deus.

Ironicamente, milhões de devotos ainda à espera da «Segunda Vinda» deixaram passar a primeira e a terceira! Repito o que disse: *Deus ama as coisas tornando-se nelas*. Como já vimos, Deus fê-lo ao criar o universo e ao criar Jesus, e continua a fazê-lo através da existência contínua e humana do Corpo de Cristo (1 Coríntios 12:12 *et seq.*) e em coisas simples como o pão e o vinho. Infelizmente, existe todo um setor da cristandade à procura de uma saída da criação em curso de Deus, e que reza por alguma espécie de Armagedão ou Arrebatamento. É preciso não ter percebido nada! As mentiras mais convincentes são, muitas vezes, as maiores mentiras.

O assunto deste livro é o Mistério de Cristo, universal e em evolução, no qual todos nós participamos. Jesus é um mapa para a vida a um nível pessoal e limitado no tempo, ao passo que Cristo é um plano para todo o tempo e espaço e para a vida em si. Ambos revelam o padrão universal de autoesvaziamento e preenchimento (Cristo) e morte e ressurreição (Jesus), que é o processo a que, em momentos diversos da nossa história, chamámos «santidade», «salvação» ou simplesmente «crescimento». Para os cristãos, este padrão universal espelha na perfeição a vida interior da Trindade na teologia cristã,⁶ que é o nosso modelo para o desenrolar da realidade, uma vez que todas as coisas foram criadas «à imagem e semelhança» de Deus (Génesis 1:26–27).

Para mim, uma compreensão autêntica do Mistério de Cristo na sua totalidade é a chave para a reforma fundamental da religião cristã. É esta a única forma de conseguirmos deixar-nos de tentativas de confinar ou capturar Deus para o nosso grupo exclusivo. Como diz o Novo Testamento, de forma clara e dramática, «Antes de o mundo ser criado, fomos escolhidos em Cristo... predestinados para Deus, e escolhidos desde o princípio» (Efésios 1:3, 11) «para que pudesse unir tudo em submissão a Cristo» (1:10). *Se tudo isto é verdade, temos fundamentos teológicos para uma religião muito natural, que inclui toda a gente. Desde o princípio que é um problema com uma solução. Tira dos ombros a tua cabeça cristã e sacode bem as ideias antes de a voltares a pôr no sítio!*

⁶ Para um tratamento mais completo desta ideia, ver o meu livro anterior *The Divine Dance* (New Kensington, PA: Whitaker House, 2016), que serve de prequela para este livro.

Jesus, Cristo, e a Comunidade Amada de Deus

O filósofo e teólogo franciscano João Duns Escoto (1266–1308), que estudei durante quatro anos, tentou exprimir esta noção primordial e cósmica ao escrever que «Deus faz Cristo, antes de mais, como *summum opus dei*, ou obra-prima de Deus». ⁷ Por outras palavras, a «primeira ideia» e prioridade de Deus foi fazer-Se visível e partilhável. A palavra usada na Bíblia para esta ideia é *Logos*, retirada da filosofia grega, e que eu traduziria como o «Esquema» ou o Modelo Primordial para a realidade. *A plenitude da criação* — não apenas Jesus — é a comunidade amada, a parceira da dança divina. Tudo é «filho de Deus». Sem exceções. Se pensarmos bem, que mais poderiam todas as coisas ser? Todas as criaturas têm de comportar, de algum modo, o ADN divino do seu Criador.

Infelizmente, a noção de fé que emergiu no Ocidente foi muito mais um *assentimento racional relativo à verdade de certas crenças mentais, do que uma esperança e confiança e calma em que Deus é intrínseco a todas as coisas e que tudo se encaminha para um bom destino*. Previsivelmente, rapidamente separámos a crença intelectual (que tende a diferenciar e limitar) do amor e da esperança (que unem e, assim, eternizam). Como diz Paulo no seu grande hino ao amor, «só permanecem estas três coisas, a fé, a esperança e o amor» (1 Coríntios 13:13). Tudo o demais acaba.

A fé, a esperança e o amor são a própria natureza de Deus e, portanto, a natureza de todo o Ser.

Este bem é imortal. (É disto que estamos a falar ao dizer a palavra «paraíso».)

Cada uma destas Três Grandes Virtudes tem de integrar as outras duas para ser autêntica: o amor tem sempre fé e esperan-

⁷ Ver entrada «Scotism» na *Encyclopedia of Theology*, ed. Karl Rahner (Londres: Burns and Oates, 1975), 1548.

ça, a esperança tem sempre amor e fé, e a fé tem sempre amor e esperança. São a própria natureza de Deus e de toda a existência. Esta totalidade é personificada no cosmos por Cristo, e na história humana por Jesus. Assim, Deus não é apenas amor (1 João 4:16), mas também fé absoluta e a esperança em si. E a energia desta fé e esperança fluiu do Criador para todos os seres criados, produzindo todo o crescimento e cura, e até a primavera.

Nenhuma religião sozinha conseguirá jamais abarcar a profundidade de tamanha fé.

Nenhuma etnia detém o monopólio de tamanha esperança.

Nenhuma nacionalidade pode controlar ou limitar o Fluxo de um tal amor universal.

São estas as dádivas ubíquas do Mistério de Cristo, oculto dentro de tudo o que alguma vez viveu, morreu, e vai viver de novo.

Espero que esta visão se esteja a tornar mais clara. Chega a ser tão simples, tão do senso comum, que é difícil ensiná-la. É, acima de tudo, uma questão de desaprender, e de *aprender a confiar no nosso senso comum cristão*, se me permitem a expressão. Cristo é uma metáfora simples e boa para a totalidade absoluta, a encarnação completa, e a integridade da criação. Jesus é o arquétipo do ser humano como nós (Hebreus 4:15), que nos mostrou como seria o aspeto de um Ser Humano Completo se o pudéssemos viver plenamente (Efésios 4:12–16). Para ser franco, *Jesus veio para nos mostrar como sermos humanos, mais do que como sermos espirituais*, e o processo parece estar ainda numa fase inicial.

Sem Jesus, a escala e o significado da nossa humanidade profunda são simplesmente demasiado grandes e demasiado bons para que as nossas mentes vulgares os possam imaginar. Porém, quando reunimos Jesus a Cristo, podemos enfim dar início a uma Grande Imaginação e a uma Grande Obra.

BESTSELLER INTERNACIONAL!

E se «Cristo» for apenas uma palavra para o transcendente, ou um termo para referir um horizonte infinito que nos puxa? Poderá ser, em alternativa, uma palavra para o que é tudo?

Richard Rohr, frade franciscano e autor bestseller, traz-nos uma obra que promete ser um guia na exploração destas e outras perguntas sobre Cristo, bem como sobre a realidade que representa para cada um de nós.

De acordo com o autor, a mensagem aqui presente pode mudar a forma como se vive o quotidiano, tornando acessível algum do significado profundo de que o mundo ocidental parece necessitar e porque anseia. Mais do que isso, este livro tem o potencial de refundar o Cristianismo enquanto religião inata, ao invés de uma crença assente numa revelação especial, acessível apenas a alguns iluminados.

**«Cristo está em toda a parte.
Nele, todos os tipos de vida têm um sentido
e uma ligação sólida.»**



FAROL
a luz da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-733-5



9 789896 687335

Religião